

EDITORIAL

Este número atual da *Último Andar* traz entrevista com Faustino Luis Couto Teixeira, docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Ele navega por temas como mística, ensino religioso, pluralismo religioso, chamando a atenção para o “espírito de delicadeza, hospitalidade e cortesia” – em suas próprias palavras – com o qual devemos abordar o fenômeno religioso. Valoriza a escuta do pesquisador ao campo e ao diálogo inter-religioso e transdisciplinar.

Cristiane Cobra destaca a força de resistência e de contestação presente na poesia de Patativa do Assaré, voltando-se para sua realidade sertaneja, ancorada na religiosidade cristã popular. Elementos como memória, oralidade e ressignificação do catolicismo ortodoxo são analisados sob o prisma teórico de Alfredo Bosi, Ciampa, Renato Ortiz e Clifford Geertz.

Nadir Lara Júnior utiliza os referenciais da psicologia social com o intuito de analisar a dinamicidade religiosa através das crenças, ideologias e práticas do cotidiano brasileiro. Percebendo que a relação entre religião e política converge para uma contradição entre o ato de alienar e, também, de emancipar as pessoas, promove um diálogo entre a ortodoxia e a prática religiosa popular, destacando os movimentos sociais e comunitários que emergem desse contato.

O terceiro artigo examina a idéia de sujeito construída no século XIX, bem como a condição da mulher da época, que tinha seu destino traçado desde nova, no que se refere a “escolhas” quase antagônicas: o convento ou o casamento. Utilizando duas figuras femininas, Thérèse de Lisieux e Emma Bovary, uma real e outra retirada da literatura, respectivamente, Beatriz Curado mostra como ambas são incapacitadas de exercer suas verdadeiras vocações, sendo tratadas socialmente como “não sujeitos”.

Aliada a essas figuras, a personagem Alaíde, de *Vestido de Noiva* (Nelson Rodrigues), traz um paralelo que permite explorar o papel da mulher e as estruturas de relações de gênero. Abordando a mesma temática e

apoiando-se também na análise das histórias de Thérèse de Lisieux e Emma Bovary, Teresinha Matos recorda o amor cortês do século XII, comparando-o com os séculos seguintes, quando as mulheres passam a ser vistas como “carne”, e os homens, como “espíritos”, estando, portanto, os últimos predestinados a governar as primeiras. Nesse sentido, analisa o romance também no âmbito moderno, levando em conta as visões de Ítalo Calvino, e finaliza com narrativas de liberdade, amor, infância e sonhos dentro do universo feminino.

Também na ótica da subjetividade feminina, Maria Angélica Santana traz o referencial de Emmanuel Lévinas, evocando a questão do “outro” e de como o modelo masculino e racional é representante do “uno”, tido como superior e historicamente privilegiado. Nesse modelo, não cabem novas possibilidades de subjetividades, ficando à mulher reservado o papel de um “outro”

em relação ao sujeito central, e não um “outro” de dignidade equivalente e única.

Monalisa Dibo aborda o estudo da mandala desde a perspectiva teórica da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, na qual ela é compreendida como uma representação simbólica da totalidade, como uma “imagem do mundo”, em referência ao conceito de self.

Lidando com uma temática bastante delicada, Flaviano Oliveira Fonseca traz o diálogo entre religião e ética, levando em conta o impacto das descobertas da biotecnologia bem como os preceitos de busca de prazer e evitação da dor presentes no utilitarismo. Finalmente, expõe a hipótese de H. Tristram Engelhardt Jr., de que “somente tradições religiosas plenamente desenvolvidas seriam capazes de oferecer soluções morais concretas diante de problemas específicos”, apontando para a necessidade de se ancorarem os princípios fundamentais da bioética na ética cristã ortodoxa do sofrimento e da santidade.

Em um debate entre as visões de Kant e Schleiermacher, Gerson Leite de Moraes aponta a necessidade do uso da redução experiencial ao se analisar a religião como objeto de estudo. O autor entende que a essência desse objeto não está no pensamento nem na ação, mas na intuição e no sentimento. Já que, ao intuir, temos acesso imediato à divindade e ao sentir acentua-se nossa experiência individual de conquista da fé. Situa essa discussão no contexto do neopentecostalismo brasileiro e aponta a teologia da prosperidade como um campo em que a redução experiencial acontece.

Finalmente, resenhando o livro *O desencantamento do mundo*, de Antonio Flávio Pierucci, Darli Alves de Souza mostra o incansável trabalho do autor ao vasculhar a obra de Max Weber em busca da construção do conceito de desencantamento, oferecendo bases para a compreensão de uma religião ancorada em aparatos da modernidade, como racionalização e moralização intelectual, componentes de uma religião “desmagificada”.

Saboreie, leitor, as diversidades deste número.

Comitê Editorial